

**Corona Day, a “infodemia” e a resposta da política econômica**

**OECD revisa as previsões para o crescimento mundial em 2020**

**Confiança da indústria gaúcha continuou crescendo em fevereiro**

**Indústria gaúcha inicia 2020 em ritmo mais intenso**

**FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO RIO GRANDE DO SUL**

Av. Assis Brasil, 8787 Fone: (051) 3347.8731 Fax: (051) 3347.8795

**UNIDADE DE ESTUDOS ECONÔMICOS**

[www.fiergs.org.br/economia](http://www.fiergs.org.br/economia)

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista desta Federação. É permitida a reprodução deste texto e dos dados contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

## Corona Day, a “infodemia” e a resposta da política econômica

A quarta-feira de cinzas marcou a confirmação do primeiro caso de coronavírus no Brasil e foi apelidada de Corona Day, por conta da queda de 7% do índice Ibovespa. Porém, bem antes que o vírus se espalhe pelo Brasil ou, antes que se alastrasse para além da China, uma epidemia de informações se espalhou rapidamente, a qual denominamos de “infodemia”. Os efeitos práticos da epidemia ainda são pequenos, mas a expectativa de uma catástrofe já causou abalos. O frágil crescimento mundial teve sua confiança afetada com a possibilidade de um evento dessas proporções.

Diferentemente da epidemia do SARS, que atingiu a China em 2003, apesar de ser menos grave do ponto de vista médico, o coronavírus atinge uma economia com maior representatividade na economia mundial. A participação do PIB Chinês no PIB global, considerando a paridade do poder de compra, passou de 8,7% em 2003 para 19,3% em 2019, conforme os dados do FMI. Portanto, a intensa queda registrada na produção chinesa em fevereiro terá impactos sobre a economia global (veja no texto abaixo), porém a China tem instrumentos para mitigar os seus impactos e evitar que a economia possa entrar em recessão.

Entretanto, a economia mundial vive o final de um longo ciclo de crescimento e a abrupta parada na atividade chinesa pode ser o gatilho para que uma recessão se inicie nos países desenvolvidos. Essa afirmativa é especialmente importante para a economia

americana, que passa pelo mais longo ciclo de crescimento e passará por eleições que tudo indica serão bastante tumultuadas em 2020. Esses eventos desenharam um quadro de incertezas que fez o mercado financeiro acionar o botão do pânico.

Na sexta-feira (28/fev), o Presidente do FED, Jerome Powell, sinalizou que utilizará os instrumentos necessários para evitar uma recessão na economia americana. O mercado entendeu essa mensagem como a sinalização de que o FED pode retomar as quedas na taxa de juros. De fato, as respostas de política econômica devem ser no sentido de maior atuação da política monetária, principalmente para irrigar as empresas com linhas de crédito que atenuem os problemas de caixa decorrente da parada abrupta do mercado. Nesse cenário, a política fiscal tem pouca efetividade, uma vez que há um choque de oferta.

No curto prazo, o cenário de aversão ao risco pressiona o Real, conhecido por ser uma moeda que responde aos movimentos dos preços de *commodities*. Já no médio prazo, caso os EUA diminua a taxa de juros, o diferencial entre os juros domésticos no Brasil e aquele praticado no resto do mundo aumentaria. Isso pode significar uma pressão por valorização do Real. A ressalva é que existem diversos outros fatores que precisam ser considerados, como a percepção de risco por parte dos investidores, e que influenciam a decisão de investimentos.

## OECD revisa as previsões para o crescimento mundial em 2020

A OECD revisou as suas previsões para o crescimento mundial em 2020 e 2021. Segundo a instituição, o mundo avançará 2,4% nesse ano, um crescimento 0,5 ponto percentual abaixo da estimativa anterior. Todas as regiões do mundo tiveram o seu ritmo de avanço revisado para baixo nesse ano.

O exercício realizado pela OECD considerou os impactos de uma redução de 4% no primeiro trimestre e 2% no segundo na demanda doméstica e investimentos privados da China e de Hong Kong. Além disso, considerou uma retração de 10% nos preços globais das ações e dos produtos não alimentícios no primeiro semestre de 2020. Por sua vez, a maior incerteza é modelada por meio de um pequeno aumento de 10 pontos base nos prêmios de risco de investimento em todos países no primeiro semestre. Isso significa um aumento no custo de capital, o que reduz o investimento.

Como era esperado, a estimativa para a economia chinesa foi a que sofreu a mudança mais intensa. A expansão esperada para esse ano é de 4,9%, 0,8 p. p. abaixo da estimativa anterior. Caso esse desempenho se confirme, será uma desaceleração considerável frente a 2019, quando a economia cresceu 6,1%.

Até o momento, os principais canais que pelos quais

essa parada da economia chinesa pode atingir o Brasil são limitados. Diretamente, o principal impacto é sentido no mercado de *commodities*, em especial de minério de ferro. Além disso, algumas cadeias produtivas de máquinas, produtos de metal, autopeças e veículos podem ser afetadas pela falta de suprimentos. Entretanto, num primeiro momento, esse impacto depende do volume de estoque de cada uma das fábricas e da disponibilidade de outros fornecedores dentro do Brasil ou fora da China. Inclusive, na falta de fornecimento chinês, produtores de outras localidades podem se beneficiar do espaço de mercado deixado em decorrência do surto.

Evidente que esse quadro perdurando, e principalmente, a queda na demanda externa, as indústrias serão afetadas pelo menor consumo global. Nesse sentido, a indústria brasileira já tem sido muito atingida pela queda da atividade na Argentina.

Entre os países acompanhados pela OECD, apenas a Arábia Saudita e o Brasil não tiveram a sua previsão de crescimento revisada. No caso do Brasil, o principal vetor de crescimento é o mercado interno e, além disso, trata-se de uma economia ainda muito fechada. Vale destacar que a previsão da entidade para o Brasil em 2020 já era bastante conservadora, 1,7%.

## Confiança da indústria gaúcha continuou crescendo em fevereiro

O Índice de Confiança do Empresário Industrial gaúcho (ICEI/RS) de fevereiro de 2020 aumentou 0,4 ponto em relação a janeiro, atingindo 66,9 pontos. O ICEI/RS varia de zero a 100 e acima de 50 mostra que os empresários estão confiantes.

A confiança no mês é elevada segundo todos os parâmetros históricos: o maior nível desde janeiro de 2019 (67,1), 13,4 pontos acima da média (53,5) e somente 0,8 abaixo de seu recorde de 67,7 pontos atingido em abril de 2010.

O ICEI/RS é composto por um conjunto de índices que avaliam as condições atuais da economia brasileira e da empresa, considerando os últimos seis meses, e as expectativas para os próximos seis.

Nesse sentido, a expansão em fevereiro de 2020 é explicada pelo componente de expectativas, cujo índice cresceu pela quinta vez seguida e atingiu 70,3 pontos, 0,7 acima de janeiro e apenas 1,9 menor que o recorde histórico de janeiro do ano passado. Valores acima de 50 pontos indicam otimismo, que está bastante disseminado entre os empresários gaúchos em fevereiro tanto com relação ao desempenho futuro da economia brasileira (69,5 pontos) quanto ao da própria empresa (70,6 pontos).

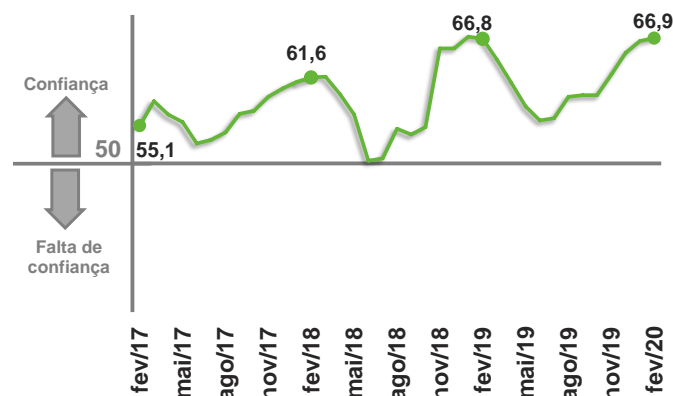
Já o Índice de Condições Atuais, depois de três altas seguidas, recuou 0,4 ponto em fevereiro, alcançando 60,2 pontos. Apesar da queda, o índice (acima dos 50 pontos) mostrou que, na avaliação dos empresários, as

condições atuais seguem melhorando. O Índice de Condições da Economia Brasileira atingiu 62,5 pontos (63,5 em janeiro) e o de Condições das Empresas alcançou 58,8 pontos (59,0 em janeiro).

Apesar dos indicadores de atividade do setor mostrarem declínio nos últimos meses, a confiança segue disseminada entre os empresários gaúchos não apenas nas expectativas futuras, mas também na percepção de melhora das condições atuais. A crença no comprometimento do governo com o ajuste fiscal e com as reformas estruturais, os juros menores com inflação controlada e o aumento da demanda interna são os principais fatores que justificam esse quadro.

A confiança elevada sinaliza crescimento da indústria gaúcha nos próximos meses.

### Índice de Confiança do Empresário Industrial do RS (Em pontos)



Fonte: FIERGS.

## Indústria gaúcha inicia 2020 em ritmo mais intenso

Segundo a Sondagem Industrial do RS, divulgada pela FIERGS, a atividade do setor ficou acima do padrão para o primeiro mês do ano e a tendência para os próximos meses, na avaliação dos empresários, também é positiva.

A produção e o emprego cresceram em janeiro relativamente a dezembro. O índice de produção alcançou 53,2 pontos e o de emprego, 53,5, ambos acima de suas respectivas médias históricas para o primeiro mês do ano, de 47,9 e 49,6 pontos. Variando de zero a 100 pontos, acima de 50, os valores expressam alta ante o mês anterior e abaixo, queda.

A utilização da capacidade instalada (UCI) caiu de 68,0% para 67,0% no mesmo período, mas ficou muito próxima da média histórica do mês (67,2%). Já a expansão do índice de UCI em relação à usual de 45,5 em dezembro para 47,0 pontos em janeiro mostrou que, segundo os empresários, a UCI continuou abaixo, mas mais próxima do usual (dado pelos 50 pontos).

Além da alta da atividade, a Sondagem de janeiro trouxe outro dado positivo: os estoques de produtos finais permaneceram abaixo do nível planejado pelas empresas. O índice que os mede relativamente ao planejado foi de 48,5 pontos, sendo que abaixo dos 50 indicam nível abaixo do planejado, sinalizando que a

demanda em janeiro foi acima da esperada e indicando maior produção nos próximos meses.

Diante do cenário favorável, as expectativas da indústria gaúcha para os próximos seis meses em fevereiro ficaram ainda mais positivas, com exceção das exportações, cujo otimismo arrefeceu em relação a janeiro. Variando de zero a 100 pontos, os 50 separam perspectivas de aumento (quando acima) e de queda (abaixo). O índice de demanda cresceu de 61,1 para 63,8 pontos; o de compras de insumos e matérias-primas, de 59,0 para 62,0 pontos e o de emprego, de 55,4 para 57,1 pontos. Já o índice de exportações caiu de 55,4 para 55,0 pontos. Em fevereiro de 2020, 58,3% dos empresários gaúchos esperam aumento da demanda por seus produtos nos próximos seis meses e 34,2% pretendem contratar novos empregados (contra 3,3% e 6,1% que, respectivamente, pensam o contrário).

O otimismo do empresário gaúcho mantém a disposição de investir em patamares elevados. O índice de intenção de investimentos nos próximos seis meses caiu 0,8 ponto ante janeiro, atingindo 57,1 pontos em fevereiro de 2020. Apesar da queda, o índice continuou bem acima de sua média histórica (49,4 pontos). Variando de zero a 100, quanto maior o valor, mais empresas estão dispostas a investir.